

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**LUIS EDUARDO PERRONI BAIROS**

**A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA  
EM CLASSES REGULARES DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA**

**Itaqui  
2022**

**LUIS EDUARDO PERRONI BAIROS**

**A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA  
EM CLASSES REGULARES DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Ciência e Tecnologia.

Orientadora: Daiane Campara Soares

**Itaqui  
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

BB163a Bairros, Luis Eduardo Perroni

A inclusão de estudantes com transtorno do espectro  
autista em classes regulares de uma escola da rede  
pública: Um estudo de caso. / Luis Eduardo Perroni  
Bairros.

55 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)--  
Universidade Federal do Pampa, INTERDISCIPLINAR EM  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2022.

"Orientação: Daiane Campara Soares".

1. Autismo. 2. Legislação vigente (Autismo) . 3.  
Estratégias de Inclusão. I. Título.

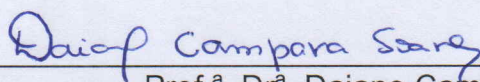
**LUIS EDUARDO PERRONI BAIROS**

**A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA  
EM CLASSES REGULARES DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em ciência e tecnologia.

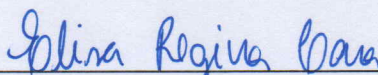
Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 05 de agosto de 2022.

Banca examinadora:



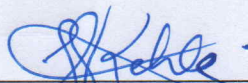
---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Daiane Campara Soares  
Orientadora  
(UNIPAMPA – Campus Itaqui)



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Elisa Regina Cara  
(UNIPAMPA – Campus Itaqui)



---

Prof. Dr. Gabriel dos Santos Kehler  
(UNIPAMPA – Campus Itaqui)

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder estar concluindo esta graduação e por ter colocado em meu caminho pessoas maravilhosas que me fizeram tão bem nesse tempo de estudos na Universidade Federal do Pampa. Eu sou muito grato a cada uma dessas pessoas por sempre me auxiliarem em tudo que precisei.

Ao meu sobrinho/afilhado Arthur, que sempre carinhoso, foi a minha motivação para chegar até aqui. A minha mãe, meu irmão, minha cunhada, minhas tias, primos e primas, que sempre estiveram presentes ao longo deste trabalho, me incentivando e apoiando para que eu fosse até o fim com muita determinação.

A Profa. Dra. Daiane Soares, minha orientadora, por ter me acolhido com suas palavras, me fazendo acreditar cada vez mais em mim e que conseguiria concluir. Agradeço por suas orientações independente do horário e do local, sempre estando à disposição para os atendimentos, por compartilhar os conhecimentos e, principalmente, por transmitir carinho e confiança em mim desde o início dessa parceria.

Aos meus amigos Patricia Manzoni, Kassiane Lopes, Amanda Almeida, Coca Lima, Maína Saldanha, Matheus Aimon, por me aguentarem várias vezes falando sobre minhas descobertas, relatos sobre o meu trabalho e por sempre estarem ao meu lado me incentivando, meu muito obrigado! Em especial ao Leonardo Ferreira por me aguentar durante esses anos de graduação, se fazer presente desde o início e por ter sido fundamental para que eu chegasse ao final, sempre me incentivando e apoiando, meu muito obrigado.

Ao meu empregador Adélcio Mendes (e sua família) por ter me incentivado e me liberado, sempre que necessário, para as orientações e aulas. E, por fim, agradeço a todos aqueles que de maneira direta ou indireta me apoiaram e incentivaram na conquista de mais uma etapa da minha vida.

## RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de identificar possíveis estratégias de inclusão que contribuam com o processo de ensino-aprendizagem de estudantes com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) em sala de aula regular de uma escola municipal de Itaqui - RS. Em uma escola inclusiva é importante que o diagnóstico (ou a busca por um diagnóstico) de TEA seja compartilhado com todos os funcionários, em particular com os professores para que estes possam desenvolver ajustes e adequações, tentando sempre estimular o estudante na realização das atividades. Esse é um grande desafio e um momento oportuno em que os docentes podem buscar ajuda através de cursos de capacitação e de formação complementar. Como procedimento metodológico foi realizado um estudo de caso em uma escola da rede pública – municipal – na cidade de Itaqui - RS através de entrevistas visando investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem do estudante com TEA e se (e de que forma) a família desses estudantes se faz presente no ambiente escolar. Como resultado apresentamos os dados coletados nas entrevistas bem como uma breve discussão (embasada na legislação, em literatura científica relacionada à temática e nas respostas dos questionamentos realizados) sobre como é realizada a inclusão de estudantes com TEA neste contexto em específico. Foi possível concluir que a escola alvo de nosso estudo segue a legislação vigente e é considerada inclusiva pela amostra da comunidade escolar que participou desta pesquisa e também pelo autor deste trabalho (em suas análises dos relatos obtidos).

Palavras-Chave: Inclusão; Educação; Ambiente escolar; Autismo.

## **ABSTRACT**

The present work aims to identify possible inclusion strategies that contribute to the teaching-learning process of students with autism spectrum disorder (ASD) in the regular classroom of a municipal school in Itaquí - RS. In an inclusive school, it is important that the diagnosis (or the search for a diagnosis) of ASD is shared with all employees, in particular with teachers so that they can develop adjustments and adaptations, always trying to encourage the student to carry out activities. This is a great challenge and an opportune moment in which teachers can seek help through training courses and additional training. As a methodological procedure, a case study was carried out in a public school - municipal - in the city of Itaquí - RS through interviews to investigate the main difficulties faced by professionals involved in the teaching-learning process of students with ASD and if (and in what way) the family of these students is present in the school environment. As a result, we present the data collected in the interviews as well as a brief discussion (based on legislation, on scientific literature related to the subject and on the answers to the questions made) about how the inclusion of students with ASD is carried out in this specific context. It was possible to conclude that the target school of our study follows the current legislation and is considered inclusive by the sample of the school community that participated in this research and also by the author of this work (in his analysis of the obtained reports).

**Keywords:** Inclusion; Education; School environment; Autism.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1.1 Objetivo Geral</b> .....	<b>11</b>
<b>1.2 Objetivos Específicos</b> .....	<b>11</b>
<b>2 COMPREENDENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)</b> .....	<b>12</b>
<b>2.1 Características, singularidades, sintomas e diagnóstico</b> .....	<b>12</b>
2.1.1 Características .....	12
2.1.2 Singularidades.....	14
2.1.3 Sintomas e diagnóstico .....	16
<b>2.2 Marcos históricos a respeito do autismo</b> .....	<b>17</b>
<b>2.3 A família da criança com TEA</b> .....	<b>19</b>
<b>2.4 Conscientização sobre o autismo</b> .....	<b>20</b>
<b>2.5 A legislação vigente sobre direitos de pessoas com TEA</b> .....	<b>21</b>
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>24</b>
<b>4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANALISE DOS RESULTADOS</b> .....	<b>27</b>
<b>4.1 Estratégias de inclusão de estudantes com TEA</b> .....	<b>27</b>
4.1.1 Sala de Acompanhamento Educacional Especializado (AEE) .....	30
4.1.2 Acompanhamento Especializado .....	34
4.1.3 Métodos e Instrumentos para a Inclusão de estudantes com TEA: ABA, PECS e TEACCH.....	37
<b>4.2 Formação docente: Expectativa X Realidade</b> .....	<b>40</b>
<b>4.3 Participação da família e avanços no desenvolvimento escolar/pessoal/social do estudante após ter ingressado em uma classe regular</b> .....	<b>41</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>47</b>
<b>APÊNDICE A: QUESTIONAMENTOS AOS PARTICIPANTES</b> .....	<b>50</b>
<b>APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO</b> .....	<b>53</b>
<b>APÊNDICE C: FOLDER INFORMATIVO ELABORADO PELO AUTOR</b> .....	<b>55</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem o intuito de identificar possíveis estratégias de inclusão que contribuam com o processo de ensino-aprendizagem de estudantes com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) em sala de aula regular de uma escola municipal de Itaqui - RS.

Em cumprimento a Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96 (Capítulo V) que garante que pessoas com deficiência (e pessoas com TEA – de acordo com a lei 12.764/2012) tenham direito a vagas em escolas da rede pública de ensino regular, é cada vez maior o número de estudantes com TEA nessas escolas e, justamente por essa razão, entendemos que é necessário refletir sobre as metodologias de ensino utilizadas e definir estratégias para incluir estudantes com autismo.

De acordo com Dutra (2008, p. 17), “os sistemas de ensino devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e à comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças de todos”. Mais ainda, se quisermos promover a inclusão no ambiente escolar, é fundamental o comprometimento e a compreensão por parte de todos na escola: alunos, professores, pais, comunidade, gestores e funcionários, pois, além dos conteúdos trabalhados em sala de aula, a criança precisa aprender (muitas vezes) a se tornar independente e ser motivada a construir relações sociais.

Mas o que é, afinal, o Transtorno do Espectro do Autismo? Segundo Autismo e Realidade (2022a, s. p.):

O TEA reúne desordens do desenvolvimento neurológico presentes desde o nascimento ou começo da infância. São elas: Autismo Infantil Precoce, Autismo Infantil, Autismo de Kanner, Autismo de Alto Funcionamento, Autismo Atípico, Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra especificação, Transtorno Desintegrativo da Infância e a Síndrome de Asperger.

Quanto às características, o DSM-5 nos diz que:

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (DSM-5, p. 31).

Mesmo que todos os estudantes com TEA apresentem as características supracitadas, cada um responde de forma particular e muitas vezes em intensidades diferentes, corroborando com Chequetto e Gonçalves (2015, p. 210) quando diz que: “é possível observar que vários indivíduos diagnosticados com o mesmo tipo de autismo podem ter perfis e características próprios, diferentes uns dos outros”, e, fazendo com que seja ainda maior o desafio de tornar o ambiente escolar inclusivo.

De acordo com Carvalho (2004, apud SILVA, 2007), ao pensar em uma escola inclusiva, não estamos interessados apenas em números de matrícula, mas sim em estudantes que permanecem e participam efetivamente do processo de ensino-aprendizagem. E, nesse sentido, destacamos a importância que o diagnóstico (ou a busca por um diagnóstico) de TEA seja compartilhado com os professores para que estes possam desenvolver ajustes e adequações, tentando sempre estimular o estudante na realização das atividades. Esse é um grande desafio e um momento oportuno em que os docentes podem buscar ajuda através de cursos de capacitação e de formação complementar.

É importante destacar que nas Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Básica do Ministério da Educação (MEC), em seu artigo 5º, está previsto um atendimento educacional especializado para os estudantes com necessidades educacionais especiais (em particular, pessoas com TEA), prioritariamente, em uma sala de recursos multifuncionais, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, nas quais atuam professores com formação específica para a Educação Especial (MEC, 2009).

Dessa forma, podemos observar que idealmente, de acordo com a legislação vigente, fica estabelecida na escola uma rede de apoio para os alunos com TEA constituída pelo professor regente da classe regular, o professor do AEE e, como uma estratégia de promover a acessibilidade, monitores de apoio à pessoa com deficiência (MAPD), para garantir a inclusão do aluno em classes regulares de ensino (função amparada pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência).

Nesse contexto, podemos propor a seguinte questão de pesquisa: *“Como é realizada a inclusão de estudantes com TEA em classes regulares de uma escola da rede pública (municipal) na cidade de Itaqui - RS?”*.

A motivação da escolha do tema para a pesquisa tem razões acadêmicas visto que o autor do trabalho pretende iniciar uma pós-graduação e, possivelmente, um mestrado, relacionados à temática escolhida. Sendo assim, consideramos que este trabalho pode contribuir significativamente para a formação do discente e também dar embasamento teórico (e até mesmo prático) para dar continuidade aos seus estudos.

Além disso, por possuir contato com uma criança próxima que está investigando se possui (ou não) o Transtorno do Espectro Autista, a curiosidade em do discente (em formação docente) em relação a esse assunto foi acentuada e, desde então, começou a buscar informações através de leituras, participações em eventos, seminários e palestras que abordassem a temática em questão.

Nosso objetivo geral é identificar, apresentar e realizar uma breve discussão sobre possíveis estratégias de inclusão de estudantes com o TEA em classes regulares de uma escola da rede pública (municipal) na cidade de Itaqui – RS, buscando investigar e compreender quais os principais desafios enfrentados por professores regentes das classes regulares e também por professores de AEE na inclusão de estudantes autistas e averiguar se existe envolvimento/engajamento da família com a escola (e professores) no sentido de promover a inclusão no ambiente escolar.

A fim de que o trabalho não possuísse apenas um viés acadêmico, mas contribuísse de alguma forma com a comunidade itaquiense (interna e externa à Universidade), facilitando o acesso a informações, como por exemplo, onde e como encontrar ajuda caso necessário, desenvolvemos um folder informativo (apresentado no Apêndice C).

Este trabalho está organizado da seguinte forma: no Capítulo 2 temos o referencial teórico do trabalho que, de forma sucinta, aborda o Transtorno do Espectro Autista; no capítulo 3 discorremos sobre a metodologia adotada; no capítulo 4 apresentamos os resultados da pesquisa com uma breve discussão em cada tópico; no capítulo 5 estão as considerações finais e, por fim, nos Apêndices A e B podem ser encontrados os questionamentos realizados aos entrevistados e o Termo de Consentimento que foi lido e assinado pelos participantes.

## **2 COMPREENDENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

### **2.1 Características, singularidades, sintomas e diagnóstico.**

#### **2.1.1 Características**

Os primeiros sinais do TEA podem ser observados desde bebês, as crianças com espectro autista têm o comportamento afetado apresentando diversos sintomas. As dificuldades dos indivíduos variam de níveis de intensidade, o que faz com que a pessoa (em geral criança) diagnosticada possa ter um grau de dificuldades grave (podendo associar outras deficiências e/ou transtornos), intermediário ou mesmo leve, sendo – muitas vezes – mais difícil de concluir o diagnóstico nesses casos.

Algumas vezes – quando o estudante apresenta um desempenho excepcional/acima da média – o diagnóstico de TEA pode vir acompanhado de altas habilidades como, por exemplo, desenvolver o aprendizado visualmente, possuir a memória acima da média, alta capacidade de concentração em uma área específica, pensamento criativo e/ou produtivo, etc.

Os critérios diagnósticos do Transtorno de Espectro do Autismo, segundo o DSM 5 (APA, 2014) são:

- Déficits persistentes na comunicação social e nas interações, clinicamente significativos manifestados por: déficits persistentes na comunicação não verbal e verbal utilizada para a interação social; falta de reciprocidade social; incapacidade de desenvolver e manter relacionamentos com seus pares apropriados ao nível de desenvolvimento.
- Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades, manifestados por pelo menos dois dos seguintes: estereotípias ou comportamentos verbais estereotipados ou comportamento sensoriais incomuns, aderência excessiva às rotinas e padrões de comportamento ritualizados e interesses restritos.
- Os sintomas devem estar presentes na primeira infância (mas podem não se manifestar plenamente, até que as demandas sociais ultrapassem as capacidades limitadas). Os sintomas causam limitação e prejuízo no funcionamento diário.

Quadro 01- Apresenta os diferentes níveis de TEA.

Nível de gravidade	Comunicação social	Comprometimentos repetitivos e restritos
NÍVEL 3 “Exigindo apoio muito substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
NÍVEL 2 “Exigindo apoio substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
NÍVEL 1 “Exigindo apoio”	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos. Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamentos são obstáculos à independência. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamentos são obstáculos à independência.

Fonte: AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (2014).

### 2.1.2 Singularidades

O Centro de Controle de Doenças norte-americana (CDC), publicou em 2021 um estudo sobre o índice de prevalência do TEA em crianças de 8 anos (realizado em 2018), sob autoria de Maenner *et al* (2021). Tal pesquisa comparava os dados obtidos nos anos de 2000-2002 (que indicavam um índice de 01 criança para cada 150) com atualizações do ano de 2016, em que a estimativa passou a ser de 01 criança para cada 54 e, por fim, apresentava os dados obtidos de 2018, em que o cálculo era de 01 caso a cada 44 crianças, evidenciando e discutindo um crescimento (contínuo) do número de diagnósticos de autismo.

No Brasil não se tem dados oficiais (apenas estimativas) sobre o número de pessoas diagnosticadas com TEA e nem sobre como elas estão distribuídas pelo território nacional. Entendendo a importância dessas informações, conforme previsto na Lei 13.861 (de 2019), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) incluiu no questionário do censo demográfico de 2022 uma pergunta sobre o autismo.

Vale lembrar que a pesquisa foi adiada em 2020 e 2021 devido as restrições decorrentes da pandemia de COVID-19<sup>1</sup> e também cortes de verbas do governo atual<sup>2</sup>. Segundo o IBGE: “Os resultados serão divulgados entre os anos de 2022 e 2025 em diferentes mídias, [...] buscando atender às demandas dos variados segmentos do público”.

---

<sup>1</sup> O coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada de casos na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Logo, o vírus avançou para países de todos os continentes, chegando no Brasil em fevereiro de 2020. Para mais informações, acesse:

<[<sup>2</sup> Notícias apontam que no ano de 2021 – durante o governo do presidente Jair Bolsonaro – o orçamento previsto para o censo era de R\\$2 bilhões, mas foi reduzido para R\\$71 milhões, inviabilizando a realização dos preparativos para o levantamento ir a campo no mesmo ano. Veja mais em <](https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos.></a></p></div><div data-bbox=)

Figura 1- Questionário Censo 2022

**17 AUTISMO (PARA TODAS AS PESSOAS)**

17.01 JÁ FOI DIAGNOSTICADO(A) COM AUTISMO POR ALGUM PROFISSIONAL DE SAÚDE?

76  1 - SIM  2 - NÃO → Encerre o bloco e siga para 18.01

---

**18 PRESTAÇÃO DAS INFORMAÇÕES (PARA TODAS AS PESSOAS DE 12 ANOS OU MAIS DE IDADE)**

18.01 ASSINALE QUEM PRESTOU AS INFORMAÇÕES DESTA PESSOA:

77  1 - A PRÓPRIA PESSOA → Se (questão 18.01 igual a 1 ou 3), encerre a entrevista  
 2 - OUTRO MORADOR → Se (questão 18.01 igual a 2), siga para 18.02  
 3 - NÃO MORADOR

18.02 NOME DO OUTRO MORADOR: \_\_\_\_\_ → Encerre a entrevista

---

**19 DADOS DE CONTATO**

19.01 NOME: \_\_\_\_\_

Fonte: IBGE (2022)

Alguns estudos apontam uma estreita relação entre o TEA e fatores genéticos (alterações no DNA), outros vão mais além indicando hereditariedade (quando determinadas características são passadas de pais para filhos). Podemos citar por exemplo o estudo publicado pelo JAMA Psychiatry em Julho de 2019 que indica que 97% a 99% dos casos de autismo têm causa genética, sendo 81% hereditário.

A maioria dos cientistas e pesquisadores sobre o tema estão de acordo sobre a importância da genética nos casos de autismo, porém não se sabe ao certo quais os fatores genéticos que de fato contribuem para o diagnóstico. Por outro lado, também é consenso entre os estudiosos que o autismo não seja exclusivamente genético visto que existe uma diversidade de fatores ambientais que podem corroborar com esse transtorno.

De acordo com o estudo *“Environmental factors associated with autism spectrum disorder: a scoping review for the years 2003-2013”* (2017), podemos citar, por exemplo: exposição materna a toxinas, drogas, bebidas alcoólicas, cigarros, alguns medicamentos e poluentes, desnutrição e alimentação na infância, baixo peso no nascimento, uso de algumas vitaminas, infecções da mãe durante a gravidez, a idade dos pais e complicações no parto ou no período neonatal.

Relacionado ao fator idade dos pais, podemos citar o estudo *“Rate of de novo mutations and the importance of father’s age to disease risk”* desenvolvido pela

empresa deCODE da Islândia, que indica que 97% das alterações genéticas aleatórias, ou espontâneas, recebidas pela criança vem do pai. De acordo com os pesquisadores, os homens transmitem aos filhos quatro vezes mais dessas mutações genéticas do que as mães e, mais do que isso, afirmam que quanto mais idade o pai tiver, mais mutações genéticas aleatórias são incorporadas em seu DNA. Muitas dessas alterações não causam nenhum impacto, porém algumas, segundo este estudo, estão associadas ao autismo.

Por fim, podemos destacar também um estudo de julho de 2022 publicado na revista JAMA Pediatrics (a saber “*Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children and Adolescents in the United States from 2019 to 2020*”) que indica que, apesar de muitas crianças com autismo ainda não serem diagnosticadas, considerando os 410 diagnósticos avaliados nesta pesquisa, dos quais 320 eram de homes e 90 eram de mulheres, foi possível estabelecer a relação de 3,55 meninos com autismo para cada menina. Em estudos de anos anteriores essa relação era de 4 meninos para cada menina.

### **2.1.3 Sintomas e diagnóstico**

Indivíduos com TEA possuem dificuldades com a interação e comunicação com os outros, além de (em muitos casos) apresentarem comportamento repetitivo. Alguns dados apontados em pesquisas científicas sugerem diferenças nas estruturas cerebrais de pessoas diagnosticadas com TEA e pessoas que não possuem o transtorno. No estudo *Atypical intrinsic neural timescale in autism*, realizado por cientistas britânicos e japoneses a partir de ressonâncias magnéticas, é indicado que a velocidade neural de algumas áreas do cérebro humano pode estar ligada aos sintomas cognitivos das pessoas diagnosticadas com autismo.

É esperado que as áreas sensoriais do nosso cérebro, que processam informações ligadas aos reflexos, tenham um período curto de resposta. Em compensação, as áreas que processam informações mais complexas como a inteligência, a tomada de decisões e a memória, precisam de um tempo maior para responder. Só que esse tempo, conforme o estudo mencionado, é diferente para pessoas autistas pois, o cérebro dos autistas processa impulsos sensoriais mais depressa que o considerado “normal”. Já as respostas da região responsável por perceber sinais motores são mais lentas. Essas alterações podem comprometer a



percepção das características comportamentais e faciais das outras pessoas e assim afetar as interações sociais.

Outra dificuldade encontrada por pessoas com TEA está relacionada com o planejamento e execução de tarefas, pois alterações constantes da rotina podem gerar desconforto e insegurança. Algumas pesquisas indicam que pessoas com TEA têm dificuldade de organizar as partes das informações num todo, tendo dificuldade de concatenar ideias, fixando sua atenção nos detalhes (A. B. B. SILVA, 2012, p.129).

Para que o diagnóstico de autismo seja confirmado é necessária uma anamnese (o mais completa possível) do paciente, avaliando sua história de vida, tendo por foco a observação de comportamentos que possam ser listados desde a gestação da mãe até o presente momento. É importante que pais e/ou responsáveis pela criança repassem todas as informações de forma detalhada para que os especialistas possam realizar a avaliação. Por essa razão, o diagnóstico dificilmente é concluído/apresentado no mesmo momento, sendo, em geral, necessário um acompanhamento e troca de informações entre variados profissionais.

Tendo suspeita de autismo, a primeira consulta, de modo geral, ocorre com um neurologista (ou neuropediatra) que fará a primeira avaliação. Outros profissionais que podem ser indicados para realizar o acompanhamento até o diagnóstico são: psicólogo(a), terapeuta ocupacional, psicopedagogo(a), fonoaudiólogo(a) e etc.

Comparado com décadas anteriores, atualmente dispomos de diversos recursos para auxiliar nas avaliações que indicarão um diagnóstico. Podemos citar, por exemplo: a Escala de Avaliação de Traços Autísticos (ATA), o Inventário de Comportamento Autístico (ABC) e o Questionário de Verificação do autismo (ASQ).

## **2.2 Marcos Históricos a respeito do Autismo**

O primeiro registro do termo “autismo” foi em 1908, utilizado pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler para descrever a fuga da realidade observada nos pacientes esquizofrênicos. Em 1943, o psiquiatra austríaco Leo Kanner, através da obra “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, descreve alguns casos de crianças com “um isolamento extremo desde o início da vida e um desejo obsessivo pela

preservação de mesmices”, o que ele denominou “autismo infantil precoce”. (KANNER, 1943).

Em 1952, a Associação Americana de Psiquiatria publicou a primeira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais DSM-1, apresentando para toda comunidade científica uma referência mundial cujo objetivo era fornecer nomenclaturas e critérios padronizados para o diagnóstico de transtornos mentais. Em 1980, com a elaboração do DSM-3, o autismo foi reconhecido pela primeira vez como uma condição específica e colocado na classe dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID) (Autismo e Realidade, 2022b).

Em 1981 foi desenvolvido, pela psiquiatra Lorna Wing, o conceito de autismo como um espectro utilizando o termo Síndrome de Asperger em referência à Hans Asperger. O trabalho revolucionou o conceito de autismo e sua influência foi vista em todo mundo. A psiquiatra e pesquisadora também mãe de uma criança autista defendeu a compreensão dos indivíduos com TEA, fundou a National Austist Society (em conjunto com Judith Gold) e o centro Lorna Wing (Autismo e Realidade, 2022b).

Em 1988 foi realizado o lançamento do filme *Rain Man*, um marco pois foi a primeira vez que um personagem com autismo ganhou destaque no cinema. O filme teve um importante papel na conscientização das pessoas de modo geral (e recebeu quatro estatuetas do Oscar), retratando o universo de um autista que possuía a síndrome de *savant* (quando estão presentes habilidades intelectuais extraordinárias, em geral, relacionadas a capacidade de memorização do indivíduo). Atualmente existem muitos outros filmes e até mesmo séries que abordam essa temática, podemos citar, por exemplo, a série *The Good Doctor* (2017-atualidade).

Em 1994, após um estudo internacional multicêntrico, com mais de mil casos analisados por mais de 100 avaliadores clínicos, a síndrome de Asperger é adicionada ao DSM, ampliando o espectro do autismo, e novos critérios foram avaliados (Autismo e Realidade, 2022b). Possuir o TEA gera implicações particulares e únicas em cada indivíduo. As pessoas com Síndrome de Asperger, em geral, possuem uma inteligência avaliada em média ou acima da média, apresentando dificuldades mais pontuais/específicas de aprendizagem e, embora possuam limitações em relação a interação social, muitas vezes conseguem se adaptar (a sua maneira) à sociedade e ao mercado de trabalho.

Em 1998 foi publicado pelo cientista Andrew Wakefield, um artigo que afirmava que algumas vacinas poderiam causar autismo. Este estudo foi refutado pela comunidade científica e acabou descartado. Em maio de 2014, o pesquisador perdeu seu registro médico e com isso a revista Lancet se retratou e retirou o estudo de seus arquivos pela falta de comprovação dos resultados. (Autismo e Realidade, 2022b).

A partir do ano de 2010, houveram grandes avanços em relação às Políticas Públicas e também a compreensão do espectro de modo geral. Podemos destacar que em 2012 foi sancionada, no Brasil, a Lei Berenice Piana (12.764/2012), que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, determinando que, para todos os efeitos legais, a pessoa com TEA é considerada pessoa com deficiência, fato esse reforçado novamente com a criação do Estatuto da Pessoa com Deficiência em 2015 (Lei 13.415/2015).

Além disso, em 2014, um dos maiores estudos (se não o maior) já realizados sobre as possíveis causas do autismo revelou que os fatores ambientais (como por exemplo: complicações no parto, infecções sofridas pela mãe e uso de drogas ilícitas antes e durante a gravidez) são muito importantes e, em alguns casos, até mesmo determinantes para o desenvolvimento do transtorno, excluindo a possibilidade de o autismo ser exclusivamente genético e trazendo novas perspectivas sobre o assunto (Autismo e Realidade, 2022b).

Por fim, recentemente, em janeiro de 2022, quando a nova versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças organizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entrou em vigor, a CID 11, segue o que foi proposto no DSM-5, e passa a adotar a nomenclatura Transtorno do Espectro do Autismo para englobar todos os diagnósticos anteriormente classificados como Transtorno Global do Desenvolvimento.

### **2.3 A família da criança com TEA**

É esperado que nos lares, de modo geral, a chegada de uma criança traga uma enorme felicidade para os pais/responsáveis, felicidade esta que muitas vezes fica ofuscada quando o(a) filho(a) recebe um diagnóstico de autismo. Neste trabalho não emitiremos juízo de valor e essas questões também não estarão presentes em nossas discussões. No entanto, entendemos que pode ser difícil para os pais e/ou familiares compreenderem as particularidades dos indivíduos com TEA e, desde o

primeiro momento, se empenharem na busca por estratégias para contribuir com o desenvolvimento dessa criança.

Muitos são os fatores que corroboram para que o diagnóstico seja desafiador e muitas são as dúvidas e incertezas que podem surgir entre os pais e/ou responsáveis, o que torna ainda mais complexo entender e assimilar que serão necessários novos planejamentos e, eventualmente, novos hábitos a esta família.

Nesse sentido, A. B. B. Silva (2012) apresenta sugestões aos pais e/ou familiares em relação a inclusão, a rotina e o cuidado da criança com TEA, destacando características como paciência, zelo e persistência. Além disso, sugere (sempre que possível) o acompanhamento de profissionais multidisciplinares que auxiliem no desenvolvimento comportamental da criança, indicando também aos pais e/ou responsáveis possíveis intervenções.

A criança com TEA tem uma forma particular de compreender e enxergar o mundo em sua volta e, por essa razão, muitas vezes tem um tempo diferente de respostas aos estímulos recebidos. Sendo assim, é importante que as pessoas ao redor estimulem e incentivem a criança na realização das atividades sem apressá-la e respeitando o seu tempo.

Sabemos que qualquer criança pode passar por fases de irritabilidade extrema e alguns momentos assim são mais acentuados até os 4 ou 5 anos. Em situações de birra e teimosia, por exemplo, A. B. B. Silva (2012) orienta que sejam valorizadas as ações positivas desenvolvidas pela criança para que se tornem rotineiras, enquanto as ações negativas não devem ser enfatizadas para que não se repitam, sempre tentando evitar a punição.

No que se refere a família, para que a mesma se fortaleça como rede de apoio para a criança, são indicadas algumas ações, como por exemplo: o compartilhamento de experiências a partir de grupos de apoio, a inclusão da criança (mesmo que não tão significativa) na distribuição das atividades domésticas (incentivando a autonomia) e o diálogo familiar.

## **2.4 Conscientização sobre o Autismo**

Em 2007 a Organização Mundial das Nações Unidas declarou que o dia 02 de abril seria o Dia Mundial da Conscientização do Autismo, o objetivo desta celebração no Brasil e no mundo é divulgar informações para a população sobre o

autismo, buscando minimizar a discriminação e o preconceito com a família e a pessoa com TEA. A cada ano a ONU lança um tema para o referido evento. O tema deste ano (2022) foi o “Lugar de autista é em todo lugar!”. No Brasil este dia é celebrado com palestras e eventos em todas as cidades, no intuito que a sociedade compreenda mais sobre o TEA e estimulando cada vez mais o respeito às pessoas autistas (Canal Autismo, 2022).

Em Itaqui/RS o dia foi celebrado com uma caminhada organizada pelo Grupo de Pais Anjo Azul com apoio da Prefeitura Municipal e toda a comunidade Itaquiense. Os participantes saíram do Parque Fermino Fernandes Lima (Parcão), passando pelas ruas principais da cidade e finalizando a caminhada na Praça Central. Segundo informações disponibilizadas nas redes sociais do grupo Anjo Azul o mesmo foi criado em novembro de 2020, com o intuito de reunir familiares e pessoas com autismo para trocas de experiências e informações, além de auxiliar na busca por tratamentos/terapias para pessoas com TEA (Grupo de Pais Anjo Azul, 2022).

O grupo Anjo Azul tem um grande papel na luta pela inclusão social dos autistas na cidade, levando informações sobre as características e as necessidades dos indivíduos que possuem TEA. Destacamos ainda que o grupo possui sede própria<sup>3</sup> e oferta atividades para as crianças/adolescentes autistas de forma gratuita, dentre elas podemos listar: Intervenções com Psicopedagoga, Musicoterapia e a Equoterapia (que é realizada no quartel do município).

## 2.5 A legislação vigente sobre direitos de pessoas com TEA

Os principais documentos, leis e diretrizes que temos hoje no Brasil – relacionados aos direitos das pessoas que possuem alguma deficiência e/ou necessidade especial (e, depois, particularmente, a indivíduos com TEA) – serão apresentados no quadro abaixo de forma sucinta.

Quadro 2 – Legislação Vigente que ampara as pessoas com deficiência

Documento de referência	Ano de aprovação	Objetivo Principal
Constituição Federal do Brasil	1988	Instituir um Estado democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o

<sup>3</sup> Localizada na Rua Tito Corrêa Lopes, número 358 - Sala A.

		desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos.
Declaração de Salamanca	1994	Estabelecer princípios, políticas e práticas referentes às necessidades educacionais especiais.
Lei nº 9.394 - Lei 1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional	1996	Estabelecer, como princípio do ensino, a igualdade de condições tanto para o acesso como para a permanência na escola.
Decreto nº 5.296/2004	2004	Estabelecer normas e critérios para a promoção da acessibilidade às pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida.
Decreto nº 5.626/2005	2005	Incluir a Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério e nos cursos de Fonoaudiologia.
Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência	2006	Promover, proteger e assegurar às pessoas com deficiência o direito pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais, além de promover o respeito pela sua dignidade.
<b>Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva</b>	2008	Garantir o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares.
Decreto nº 7.611/2011	2011	Garantir um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, oferta de educação especial preferencialmente na rede regular de ensino, atendimento educacional especializado.
<b>Lei nº 12.764 - Lei Berenice Piana</b>	2012	Garantir os mesmos direitos às pessoas com TEA do que os que já foram garantidos a pessoas com deficiência em todas os documentos inseridos anteriormente nesta tabela. A legislação determina o acesso a um diagnóstico precoce, tratamento, terapias e medicamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS); à educação e à proteção

		social; ao trabalho e a serviços que propiciem a igualdade de oportunidades.
Lei nº 13.146 - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência	2015	Instituir o Estatuto da Pessoa com Deficiência.
<b>Lei nº 13.977 - Lei Romeo Mion</b>	2020	Instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), emitida de forma gratuita, sob responsabilidade de estados e municípios. O documento é em substituição ao atestado médico e tem por objetivo facilitar o acesso a direitos previstos na Lei Berenice Piana.

Fonte: A. M. D. Silva (2012).

### 3 METODOLOGIA

Com a finalidade de responder à questão de pesquisa, foi realizado um estudo de caso em uma escola da rede pública – municipal – na cidade de Itaqui - RS através de entrevistas. Essas entrevistas foram realizadas com:

- Duas professoras dos anos finais do ensino fundamental (das disciplinas de Matemática e Português) que possuem em sua classe regular estudantes com TEA (regularmente matriculados e efetivamente frequentando às aulas).
- A professora de AEE que atua na escola.
- Dois monitores que realizam atendimento especializado à estudantes autistas.
- Duas mães de estudantes com TEA.
- A diretora da escola.

Conforme mencionamos previamente, este trabalho caracteriza-se como um estudo de caso que, segundo Gil (2019, pg.34)

[...] possui diferentes propósitos, tais como:

- a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- b) preservar o caráter unitário do objeto estudado;
- c) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- d) formular hipóteses ou desenvolver teorias; e
- e) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

Cada enfoque dado a estudos de situações educacionais possui uma perspectiva diferenciada. Para estipularmos a abordagem dessa pesquisa foi importante compreendermos a diferença entre as classificações, observando em nosso trabalho características de um estudo qualitativo.

[...] A pesquisa quantitativa tipicamente emprega delineamentos experimentais ou correlacionais para reduzir erros, vieses e outros ruídos que impedem a clara percepção dos fatos sociais, enquanto o protótipo do estudo qualitativo é a etnografia [...] O pesquisador quantitativo ideal é desprendido para evitar viés, enquanto o pesquisador qualitativo fica 'imerso' no fenômeno de interesse (Firestone apud Moreira, 2011, p.42).



Nesse sentido, a pesquisa aqui apresentada utiliza de uma abordagem qualitativa, pois procuramos um entendimento interpretativo de uma realidade socialmente construída na qual o pesquisador está imerso.

Podemos subdividir o desenvolvimento em etapas metodológicas (Gil, 2019):

- *Etapa 1:* Escolha do tema;
- *Etapa 2:* Realização de um levantamento bibliográfico preliminar para aprimorar o conhecimento relacionado ao tema (leitura da legislação brasileira vigente que determina e caracteriza a política de inclusão escolar, leitura de livros e artigos científicos pertinentes à temática).
- *Etapa 3:* Formulação da questão de pesquisa;
- *Etapa 4:* Definição das unidades-caso, seleção dos casos e elaboração do protocolo;
- *Etapa 5:* Coleta de dados;
  - *Etapa 6:* Análise e interpretação e sistematização dos dados.

As etapas 1, 2 e 3 foram realizadas ainda durante o projeto de pesquisa, no início do semestre letivo. Destacamos que as bibliografias selecionadas na Etapa 2 foram estudadas de forma mais detalhada a fim de coletarmos dados e analisarmos pesquisas já desenvolvidas sobre o tema. Podemos observar que muitos desses estudos (mencionados durante o capítulo 2) eram em inglês, pois nos Estados Unidos existem dados oficiais com os quais se pode realizar pesquisas e até mesmo estatísticas, diferente do Brasil como já mencionamos. Além disso foram priorizados artigos e referências dos últimos 15 anos, a fim de que a informação fosse a mais atualizada possível.

Na etapa 4, a escolha da escola alvo da nossa pesquisa foi realizada levando em consideração o contato prévio que o autor deste trabalho já possui com a escola, assim, como membro da comunidade externa, se sentir acolhido neste ambiente. Após a definição da unidade-caso, elaboramos um questionário a ser respondido por cada um dos entrevistados (Apêndice A), buscando coletar dados a fim de responder a nossa questão de pesquisa.

É importante esclarecer que não selecionamos casos específicos de estudantes com autismo, no intuito fazer um estudo mais relacionado à escola em si, buscando entender como se recebe/se mantém todas as crianças e/ou adolescentes com TEA. Claro que, ao longo das entrevistas, até mesmo em resposta

às perguntas realizadas, as professoras e/ou monitoras – à medida que se sentiram à vontade – acabaram citando experiências mais concretas com estudantes que tiveram maior contato.

A coleta de dados (etapa 5) foi realizada através de entrevistas que, por decisão do autor e sua orientadora (e com consentimento dos participantes) foram realizadas presencialmente e gravadas em áudio, utilizando um aparelho celular. Inicialmente um breve resumo do que é a pesquisa e qual o seu objetivo, foi apresentado aos professores, monitores, pais e a diretora da escola – que se sentiram confortáveis em participar – salientando que a sua participação se daria efetivamente ao responderem o questionário e que as respostas seriam utilizadas (parcial ou totalmente) neste trabalho de conclusão de curso, preservando a identidade de cada um (ver termo de Consentimento no Apêndice B).

As entrevistas foram realizadas na escola em momentos distintos e em sala reservada, para que os participantes não se sentissem constrangidos em responder o que achassem mais pertinente. Foi solicitado também que as respostas fossem as mais sinceras possíveis, pois consideramos esse um ponto muito importante na construção dessa pesquisa.

Depois de realizadas as entrevistas, as gravações foram transcritas, a fim de analisar as respostas e identificar quais seriam pertinentes ao escopo desse trabalho. Após essa análise inicial, redigimos o capítulo de resultados, realizando uma breve discussão a partir dos relatos de experiência apresentados por parte dos participantes.

## **4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Nesse capítulo selecionamos algumas das perguntas respondidas através das entrevistas para realizarmos uma breve discussão. Analisando os dados obtidos, podemos destacar que, de modo geral, todos os participantes da pesquisa consideram a escola inclusiva e alguns conseguiram citar estratégias utilizadas para promover a inclusão. A apresentação desses resultados em específico foi realizada na seção 4.1.

Salientamos também que todos os entrevistados elogiaram e utilizaram como referência o trabalho da professora da sala de acompanhamento educacional especializado (AEE) (profissional graduada em Letras - Inglês, com pós-graduação em educação especial e Autismo, mestre em linguagens e doutoranda em linguagens), visto que a maioria (se não todas) as adaptações e/ou metodologias utilizadas com as crianças/adolescentes com TEA nesta escola recebem orientação e suporte desta professora. Trataremos especificamente da Sala do AEE na seção 4.1.1.

Nos relatos, principalmente dos monitores, mas também nos dos professores regentes das classes regulares nas disciplinas de Português e Matemática, é possível observar que para algumas dificuldades apresentadas poderiam ser pensadas soluções no coletivas através, por exemplo, de formações continuadas abordando a temática de inclusão de estudantes com necessidades especiais. A apresentação – em particular – desses resultados é realizada na seção 4.2.

Além disso, consideramos importante a apresentar e discutir (muito brevemente, por questão de tempo) os dados obtidos sobre a participação da família no ambiente escolar e também o que já pode ser observado pelos professores e pais em relação ao desenvolvimento da criança/adolescente desde que ingressou na escola em classe regular. Isso foi realizado na seção 4.3.

### **4.1 Estratégias de Inclusão de estudantes com TEA**

A inclusão tem como principal objetivo que qualquer indivíduo tenha acesso as mesmas oportunidades, o que por si só já é desafiador. Quando aliamos esse conceito à educação escolar, percebemos mais desafios, visto que as escolas

precisam se adaptar diante das particularidades de cada aluno. Segundo Hattge e Klaus (2014, p. 329):

A escola tem um compromisso com o desenvolvimento dos sujeitos. Nos processos inclusivos vinculados a esses princípios, reside uma grande preocupação com a construção de materiais e a implementação de metodologias de ensino que venham a produzir uma aprendizagem individualizada, levando em consideração as necessidades específicas dos sujeitos, suas potencialidades e desafios. Porém, grande parte das discussões realizadas é centrada nas metodologias de ensino. A inclusão é tomada como algo natural, como se ela estivesse, desde sempre, aí no mundo.

Especificamente em relação à inclusão de estudantes com TEA, Silva e Brotherhood (2009, p.3) reforçam a importância da formação específica, afirmando que:

Para que a escola possa promover a inclusão do autista é necessário que os profissionais que nela atuam tenham uma formação especializada, que lhes permita conhecer as características e as possibilidades de atuação destas crianças. Tal conhecimento deveria ser efetivado no processo de formação desses profissionais, sobretudo dos professores que atuam no ensino fundamental.

Ao questionarmos às auxiliares sobre as estratégias utilizadas para incluir os estudantes com autismo na escola, obtivemos as seguintes respostas:

A Auxiliar A disse tenta incluir o estudante no recreio com os demais colegas, deixando-o interagir e apenas o observar. Acrescentou também que dependendo de como ele se sente ele quer ou não o contato com os demais alunos através de brincadeiras, que tem dias que ele dá risadas e em outros prefere ficar isolado. Relatou que sempre explica para o aluno 01 que “é bom que ele saia, descansa um pouquinho, que ele pode brincar, conversar e que, quando leva lanche, pode dividir com os colegas e vice-versa”.

Já a auxiliar B, relata que, de forma estratégica, arruma um lugar na sala de aula em que o barulho da rua e/ou dos corredores não atrapalhe o aluno 02. Além disso, também menciona outras estratégias como utilizar o horário do recreio para tentar incluir o estudante e estimular a realização de atividades em dupla. Por fim, ressalta que: “na educação física e até mesmo na merenda, tento que ele faça tudo com os colegas para a socialização dele, mas sempre cuidando por causa do barulho. Se está muito barulhento o local, troco ele de lugar.”

Quando questionamos as professoras regentes da classe regular (das disciplinas de matemática e português), sobre quais metodologias e estratégias eram utilizadas para incluir o estudante com TEA, a professora de matemática relatou que:

Quanto às metodologias e conteúdos nas aulas, são adaptados, na maioria das vezes ele estuda o mesmo conteúdo dos demais alunos, porque ele acompanha a aula, porém o método é um pouco diferente, a gente procura utilizar o material mais lúdico o material concreto as folhas impressas são geralmente coloridas. E também na aula é valorizada muito a questão da oralidade, a aprendizagem através da oralidade do aluno.

A professora de português confirma que os conteúdos são adaptados “levando em consideração o grau de cada estudante”, explicando que tudo que é trabalhado passa pela sala do AEE para realização da adaptação. Além disso, relata que utiliza “linguagem objetiva evitando conotações” e “atividades curtas, de interesse do estudante”.

Ambas as professoras, quando questionadas sobre avaliação, relatam que é diária, contínua, adaptada para que o aluno realize de forma sucinta, evitando deixá-lo nervoso. As professoras destacam a importância de se flexibilizar o período de tempo que o aluno tem para realizar suas atividades, devido a distração que muitos tem com ruídos externos e barulhos, visando sempre o bem-estar, o sentir-se confortável da criança com TEA.

Por fim, perguntamos para as auxiliares, as professoras regentes (de português e matemática), a diretora da escola e as mães entrevistadas se consideravam a escola inclusiva e destacamos algumas respostas.

Resposta da professora de Português:

Sim a minha escola é inclusiva desde o portão da escola até o refeitório e falo isso com propriedade, a escola tem um olhar inclusivo, todas as crianças diferentes das deficiências ou atrasos elas recebem o mesmo tratamento, tanto que na sala do AEE o seu responsável também tem esse suporte.

Resposta da Mãe 01:

Sim, a escola promove a inclusão nas aulas diferenciadas, na socialização que a escola faz com os alunos (não deixa ele de lado, ele participa de tudo dentro da escola) e na auxiliar que ele tem, que na escola anterior ele não tinha.

Resposta da diretora da escola:

Todos os alunos são recebidos da mesma forma com muita atenção e carinho por todos que fazem parte da escola, a escola oferece professores capacitados nas suas áreas e inclusive alguns na área de educação especial, a infraestrutura está de acordo com a legislação, incluindo os alunos com TEA desde o portão da escola até o refeitório, quanto ao material de apoio esse é revisado todo pela direção e a professora do AEE, a formação pedagógica fica a cargo da secretaria da educação que realiza no início do ano letivo e depois nas férias de julho de cada ano.

#### 4.1.1 Sala de Acompanhamento Educacional Especializado (AEE)

O Decreto nº 7.611 de novembro de 2011 estabelece o Acompanhamento Educacional Especializado (AEE) (em substituição ao decreto 6.571/2008) e os recursos mínimos necessários para atendimentos, determinando assim que todas as instituições de ensino disponibilizem tal espaço.

Como temos destacado até aqui, o estudante com TEA possui particularidades que são diferentes em cada caso e que podem variar também conforme o nível do transtorno. Para que possamos compreender as necessidades de cada criança/adolescente são fundamentais o acompanhamento e a avaliação individual, fomentando a inclusão também na sala de recursos. De acordo com Machado (2009), o atendimento nas salas de recurso ocorre no turno inverso ao que o estudante tem a aula regular.

O objetivo da sala de recursos multifuncionais é ofertar ao estudante o atendimento educacional especializado para complementar e suplementar os educandos que apresentam deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação e se encontram matriculados nas classes comuns do ensino regular, possibilitando através de atividades específicas, adaptadas e individualizadas condições de melhor acesso, participação e aprendizagem. (BRASIL, 2010).

Ao questionarmos a professora do AEE sobre como é o acompanhamento dos alunos com TEA, ela relatou que é diário, cotidiano e realizado inclusive no período de férias, normalmente, com a frequência de uma vez na semana.

Quanto a frequência, especificamente, a professora disse que:

Depende muito do que o médico neuropediatra solicita no laudo. Só que hoje temos o entendimento legal sobre isso. O médico diz assim: essa criança precisa de atendimento duas vezes na semana, se possível para o professor, porque nós temos uma carga horária muito carregada e muitas das vezes não conseguimos realizar esse atendimento, então a gente já teve essa conversa em outras oportunidades com a promotora de justiça, dizendo que a prescrição do médico é de dentro do consultório dele a nossa realidade aqui na escola é outra, então nós vamos adequando as crianças, por exemplo, quem ainda não tem uma relação de laços de afetividade não desenvolveu o socioemocional, não adianta tirar essa criança da sala regular duas vezes, adianta fazer essa tortura? Não adianta. Então nós vamos devagarzinho, eles começam aos poucos, primeiro os que têm pouca interação e um maior grau de dificuldade, vem 20 minutos, 30 minutos ou 40 minutos até estabelecer essa afetividade comigo. O tempo de atendimento na sala de recursos é de 50 minutos, só que eu não tenho como bater os 50 minutos e pedir para a criança se retirar da sala. Então às vezes a criança especial, principalmente o aluno autista, ele vem para

permanecer 45-50 minutos, às vezes ele só quer 30 minutos, às vezes ele quer uma 1 hora e 10 minutos, mas de praxe o atendimento é de 50 minutos, uma vez na semana, mas como eu disse, depende, não existe uma organização sistemática rígida, principalmente para alunos autistas.

Segundo Machado (2009), todo o profissional especializado que atua na sala de recursos tem o trabalho de identificar as dificuldades e as habilidades que o estudante apresenta, para assim elaborar um planejamento condizente com o que essa criança/adolescente precisa desenvolver.

Foi questionado à professora do AEE quais as estratégias adotadas para facilitar o processo de ensino aprendizagem no caso específico dos alunos autistas e, em sua resposta a professora citou o acompanhamento realizado pela monitora e disse que esse acompanhamento é no sentido de “orquestrar, auxiliar para que ele tenha uma melhor organização do seu espaço físico” e ainda acrescentou que “para que o estudante se sinta acolhido, a monitora fica sentada ao seu lado”.

Além disso, a professora enfatizou que tudo que é “passado para essa criança em sala de aula, primeiro passa pelo AEE”, fazendo menção a adaptação curricular necessária e realizada, de acordo com seu relato, trimestralmente. A professora destaca que dá orientações ao professor regente da classe regular sobre “o que ele vai trabalhar, o que ele vai precisar de material, como ele vai adequar” e também fala para os pais o que é esperado que a criança aprenda naquele espaço de tempo.

Para finalizar, a professora destaca um pouco do cenário em que está realizando suas atividades hoje:

[...] hoje as crianças se dividem em três aspectos dentro da sala inclusiva, na nossa realidade pós-pandemia ou intra pandemia (porque não passou ainda): primeiro a criança que estava escondida em casa e pela obrigatoriedade da Lei ela veio para sala do AEE, mas a recém está no processo de afetuosidade de criar vínculo com a escola; segundo a criança que já estava na escola, mas não está alfabetizada e, por último, a criança que é autista, mas que está alfabetizada porque os pais não pararam com processo clínico terapêutico.

A atuação na sala de recursos é parte da escola inclusiva, onde a escola deve explorar as potencialidades dos alunos, desenvolver novas habilidades e, nesse sentido, a sala de recursos vem para agregar com o ensino regular, trabalhando novas competências de forma colaborativa.

A educação nas escolas inclusivas, independentemente do grau de severidade, deve ser vivenciada individualmente na sala de recursos e na sala de ensino comum, favorecendo a sociabilidade, porque incluir é aprender junto (CUNHA, 2014, p. 32).

Quando questionada sobre os materiais didáticos que a sala de recursos disponibilizava para os estudantes, a professora me convidou para conhecer e poder realizar registros da sala. Explorando o local, percebi diversos recursos didáticos como: teclado colmeia, leitor, computador, impressora adaptada, jogos digitais e concretos, calculadoras, materiais didáticos/pedagógicos manipuláveis, brinquedos, mobiliários como cadeiras e mesas e balcões para guardar os materiais.

Durante a visita, questionei como foi adquirido todo esse material da sala e, a professora do AEE me explicou que são de articulações federais e não municipais. A professora relatou que:

Todo ano é realizado um censo e os dados obtidos são preenchidos na plataforma Anísio Teixeira, realizando um cadastramento de todos os alunos e, dependendo de quantos estudantes frequentam a sala de recursos, é disponibilizado um valor para a escola realizar a compra de materiais.

A partir de todas as entrevistas realizadas foi possível concluir que a sala de recursos é de grande relevância para os estudantes, pais e professores, pois é um local de acolhimento de todos e que, em parceria com a classe regular, busca estimular o desenvolvimento dos estudantes autistas e a sua socialização.

Segue algumas fotos tiradas da sala de AEE para melhor visualização do espaço e materiais disponíveis.



Figura 2: Imagens da Sala de AEE



Fonte: Autor.

#### 4.1.2 Acompanhamento Especializado

Na legislação vigente que ampara às pessoas com deficiência – apresentada no Quadro 2 – quando falamos de crianças/adolescentes autistas, não podemos deixar de destacar a Lei nº 12.674/12, que leva o nome de Berenice Piana, mãe de um menino autista que lutou para que essa lei fosse sancionada. Na década de 90, Berenice Piana iniciou estudos por conta própria para entender e tentar diagnosticar por conta própria o que o filho tinha visto que os médicos por ela procurados não encontravam nada de errado com a criança (Autismo e Realidade, 2022b).

Segundo relato da própria Berenice Piana no Programa de Televisão Encontro com Fátima Bernardes<sup>4</sup>, ela passou por diversas dificuldades na adaptação do filho na escola regular, a criança acabou fugindo e sendo expulsa da primeira escola em que foi matriculado por problemas relacionados ao comportamento, oriundos das particularidades do transtorno. Motivada pelas dificuldades que enfrentou, Berenice lutou pelos direitos das pessoas com autismo até ver aprovada, em 2012, a lei nº 12.674.

Dos muitos benefícios presentes nesta lei, destacamos o direito dos estudantes com TEA à matrícula nas classes comuns do ensino regular seja da rede pública ou privada de educação e também o direito de o estudante ter um acompanhante especializado. No seu Art. 2º, a lei assegura que “em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista, incluída nas classes comuns de ensino regular, terá direito a acompanhante especializado”. (BRASIL, 2012, Art.2º).

Atendendo à legislação, a escola estabelecida como unidade-caso da nossa pesquisa conta com a assistência de acompanhantes especializados a todos os estudantes com deficiência. O objetivo principal dentro da sala de aula é auxiliar o professor na mediação e o estudante na realização das atividades adaptadas. Para a criança/adolescente com TEA, esse acompanhamento pode ocorrer por um período não tão prolongado de tempo, até que o estudante (sendo constantemente motivado) adquira autonomia.

Sobre o Acompanhante Especializado, Cunha (2014, p.55) nos diz que:

Enquanto o aluno com autismo não adquire a autonomia necessária, é importante que ele permaneça sob o auxílio de um profissional capacitado ou um psicopedagogo para que dê suporte ao professor em sala de aula.

---

<sup>4</sup> Entrevista disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2430204/>>

Na escola inclusiva, é demasiadamente difícil para um único educador atender a uma classe inteira com diferentes níveis educacionais e, ainda, propiciar uma educação inclusiva adequada. Tudo o que for construído no ambiente escolar deverá possuir o gene da qualidade.

Duas auxiliares que atendem especificamente estudantes com TEA, quando questionadas sobre quais as dificuldades e desafios encontrados em sala de aula com relação à convivência e o ensino-aprendizagem de estudantes autistas, a auxiliar A nos relatou que o estudante 01 – que está no 5º ano – tem bastante dificuldade na socialização, sendo bem quieto e apresentando também dificuldades de aprendizagem. Continuou dizendo como a turma é grande, aproximadamente 25 alunos, sempre que existem focos de conversa, ele acaba perdendo a atenção na atividade.

Além disso, a auxiliar A disse realizar com o estudante algumas leituras, priorizando o reconhecimento das vogais e trabalhando na alfabetização visto que a criança não é alfabetizada ainda. Segundo o relato, o estudante interage pouco com ela e com os colegas, muito raramente conversa com a professora regente, dependendo do dia e de como o estudante está se sentindo confortável (nem sempre), conseguem realizar atividades em dupla, quando proposto pela professora regente.

Dando continuidade, a auxiliar A diz que quanto ao desenvolvimento, mesmo que lenta, existe evolução visto que algumas atividades, após ajuda com leitura e interpretação, o estudante consegue desenvolver sozinho.

Com relação à mesma pergunta, a auxiliar B, que acompanha o aluno 02 – estudante do 6º ano – respondeu que o pré-adolescente socializa, eles conversam bastante entre si e com isso ela consegue que ele realize todas as atividades que foram propostas, mesmo que tenha dias mais demorados, de acordo com o quanto confortável está o estudante e o seu bem-estar.

No que se refere às dificuldades encontradas, a auxiliar B – que nunca tinha trabalhado com estudantes autistas antes – relata que suas principais dúvidas são relacionadas às metodologias adotadas e ao retorno/resposta do aluno. Salaria que o estudante ser alfabetizado e receber auxílio/orientação em casa, facilita consideravelmente o desenvolvimento do seu trabalho. Por fim, comenta que se sente mais tranquila para auxiliar nas atividades por poder contar com o apoio da professora do AEE, sempre disponível e solícita.

Para Cunha:

O aluno com autismo não é incapaz de aprender, mas possui uma forma peculiar de responder aos estímulos, culminando por trazer-lhe um comportamento diferenciado, que pode ser responsável tanto por grandes angústias como por grandes descobertas, dependendo da ajuda que ele receber (CUNHA, 2014, p. 68).

O auxiliar, que realiza o acompanhamento especializado do estudante com TEA, contribui para o professor regente da turma com um apoio prático, principalmente na execução das atividades, repassadas pelo professor regente. Esse suporte é muito importante, pois para o educador que é regente em uma sala com muitos estudantes, conseguir dar a atenção necessária para àqueles com alguma necessidade especial sem se descuidar do restante da turma, se torna uma tarefa muito difícil (Cunha, 2014).

No que se refere à preparação/formação pedagógica do acompanhante especializado (auxiliar), diante dos relatos mencionados nas entrevistas pelas profissionais auxiliares, percebemos que essa capacitação não acontece. Quando questionada, a Auxiliar A respondeu que:

Não, a gente não teve uma formação pra isso, mas eu procuro sempre estar me informando estar conversando com colegas, dividindo assim experiências, sempre tem alguém para contribuir. É um interesse nosso também buscar informações e formação. Eu acho que seria bem importante uma formação por parte da prefeitura. Como por exemplo, tu entra na escola, tu não sabe se tu vai ficar com o aluno autista ou não, não vem especificado, somente quando chega aqui que tu vai saber. Então deveríamos ter uma formação bem específica para saber como trabalhar com alunos autistas.

Já a auxiliar B foi sucinta ao afirmar que: “Não tivemos formação, senti bastante falta, acredito que deveriam oferecer uma formação ou oficinas para os monitores saberem o que é o autismo e como ajudar nas atividades.”

Cunha (2014) nos diz que este acompanhante especializado nem sempre tem a formação indicada para o cargo, como, por exemplo, uma graduação ou formação complementar na área específica de atuação. Podemos perceber isso na pequena amostra da nossa pesquisa, visto que as duas auxiliares entrevistadas possuem Ensino Médio/Magistério e a auxiliar A também possui Graduação em Letras Espanhol.

A Lei nº 9394/96 (LDB) prevê em seu artigo 59º que:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

- I. currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;
- III. professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para **atendimento especializado**, bem como professores do ensino regular capacitados para integração desses educandos nas classes comuns. (BRASIL, 1996, Art.59, grifo nosso).

Acreditamos que esteja se referindo também ao profissional que realiza o acompanhamento especializado, o que não ocorre em muitas escolas, como por exemplo, na escola alvo do nosso estudo. As razões para que as formações mínimas não sejam sempre exigidas na contratação dos auxiliares podem ser as mais diversas possíveis, inclusive a falta de profissionais qualificados. Neste trabalho não iremos abordar mais a fundo esta discussão.

#### **4.1.3 Métodos e Instrumentos para a Inclusão de estudantes com TEA: ABA, PECS e TEACCH**

Algumas metodologias e instrumentos foram desenvolvidos, especificamente, a fim de facilitar o processo de aprendizagem e ao mesmo tempo a inclusão do estudante com TEA. Destacamos que, segundo o relato da professora da sala de AEE durante sua entrevista, esses métodos, não são utilizados na escola e, na verdade, em sua grande maioria, nem mesmo possuem os materiais disponibilizados na rede de ensino pública no município de Itaqui. Vamos abordar (brevemente) três métodos: a ABA, PECS e o TEACCH.

##### **ABA**

A ABA (Análise Aplicada do Comportamento) é uma ciência que tem por objetivo ajudar na ampliação da capacidade de comunicação de pessoas com TEA e na forma como esse indivíduo se porta com a sociedade e com o local aonde vive, impactando no seu repertório comportamental. Essa intervenção visa reforçar os bons comportamentos de crianças/adolescentes (Nova Escola, 2019a).

Segundo A. B. B. Silva (2012, p.104), a metodologia visa criar oportunidades para que a criança possa aprender e praticar habilidades por meio de incentivos ou reforços positivos, ou ainda, estimula-se a premiar e elogiar a cada comportamento realizado de forma adequada.

Em 2019 a Revista Nova Escola entrevistou a doutora em ABA e coordenadora das intervenções baseadas em ABA do Programa de Transtornos do

Espectro Autista do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo, Cláudia Romano Pacífico. Quando perguntada sobre o que é feito na prática para alcançar os objetivos do método, a pesquisadora relata que

Além de planejar o ensino de comportamentos ou conteúdos curriculares em pequenos passos e fragmentar as tarefas, o trabalho com a ABA leva em conta o que existe e é possível de ser visto, manuseado (concreto) para os casos mais severos de autismo. Outros dois conceitos essenciais: dicas (para que a criança consiga emitir o comportamento correto) e feedbacks imediatos (para mantê-la motivada, engajada, e volte a fazer novamente, queria aprender) (Nova Escola, 2019a).

Questionando a professora da sala de Atendimento Especializado Educacional (AEE) se ela conhece e/ou utiliza a ABA, ela nos relata que

Assim eu fiz o curso pra mim né? Quando eu fiz a pós em autismo (fiz uma especialização a pouco) em ABA ela é uma metodologia, ela é um método, né? E pra nós empregamos o método numa linha do município, o município tem que nos fornecer, eu por mais que eu tenha, é meu. Eu não posso fornecer as crianças porque quando eu for fazer um parecer para um laudo clínico-terapêutico eu tenho que dizer que há oferta dele e, não há, porque a hora que eu sair do atendimento, que eu largar aquela sala, aquela criança não vai ter mais acesso a isso. Então, a produção de material técnico específico é uma coisa, que é o que a gente elabora, apreensão metodológica da aplicação metodológica como o método da ABA ele é algo que precisa ser comprado e fornecido por uma mantenedora para ser aplicado a médio/longo prazo, como o município ainda não nos passou, não temos como aplicar. Então, no nosso gerenciamento particular, se alguém me contrata de modo particular para eu atender o filho sim eu vou aplicar, né? Por quê? Porque a minha formação me dirige e eu comprei (é caríssimo, diga-se de passagem). Mas para as crianças no município não. Não tem como. Eles só vão ter acesso quando vão ao vínculo particular. Por quê? Porque não há manutenção, não há oferta ainda do município. É como os testes do WISC, na área psicológica. A equipe técnica de psicólogas só pode aplicar quando o município compra. O município adquirindo pode ser aplicado, se o município comprar tem como porque se não elas teriam de pagar.

## TEACCH

O método TEACCH (sigla em inglês para Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação) é um modelo criado nos Estados Unidos no final da década de 1960, proposto com base em evidências identificadas por diversos profissionais a fim de desenvolver habilidades relacionadas à comunicação (Nova Escola, 2019b).

Para A. B. B. Silva (2012, p.153)

É um modelo de intervenção que, através de uma “estrutura externa, organização de espaço, materiais e atividades, permite que as crianças do espectro autista criem mentalmente “estruturas internas, transformando-as em” estratégias”, para que possam crescer e se desenvolver.

Sabemos que muitas dificuldades encontradas nas crianças/adolescentes com autismo estão ligadas à comunicação, tanto na compreensão do que é dito por outras pessoas quanto para expressar o que deseja. Por essa razão no processo de ensino aprendizagem uma inquietação por parte dos professores é saber se serão compreendidos pelos estudantes e também se existe alguma metodologia que seria mais eficaz (Nova Escola, 2019b).

Em 2019, a revista Nova Escola entrevistou duas profissionais que realizaram o curso do TEACCH na Universidade da Carolina do Norte e trabalham com o método, Beatriz Zeppelini Bezerra de Menezes Nasser e Maria Elisa Fonseca. Quando questionadas sobre a grande marca (diferença) do TEACCH, responderam que

À primeira vista, é o uso de imagens para ajudar a criança com autismo a se valer de instruções visuais e assim aumentar seu poder de comunicação. Por exemplo: objetos sinalizadores, fotografias, ícones, pictogramas, escrita e sinalizadores do ambiente. Mas não se trata simplesmente de um conjunto de fichas. Um olhar mais apurada enxerga que o trabalho com TEACCH® pressupõe levar em conta características do indivíduo para analisar o que precisa ser eliminado do ambiente – geralmente, estímulos sensoriais, que perturbam e confundem –, e transformar materiais de acordo com o que a criança compreende e precisa, além do uso de imagens. Tudo isso com o objetivo de fazer a criança com autismo se tornar, passo a passo, mais autônoma, e ter menos comportamentos disruptivos (Nova Escola, 2019b).

## PECS

Outro modelo disponível para a intervenção é o sistema de comunicação por troca de figuras (PECS)<sup>5</sup> que, segundo o site oficial, foi desenvolvido nos Estados Unidos em 1985 por Andy Bondy e Lori Frost, criadores da empresa *Pyramid Educational Consultants* que tem por missão ajudar pessoas com deficiências de desenvolvimento, autismo e/ou dificuldades de comunicação.

O PECS utiliza a troca de figura para que a criança consiga compreender e com isso acelerar os estímulos, a função deste modelo é de estimular a criança através de atividades que o cérebro reestruture novos aprendizados sendo um tratamento focado para instigar a criança a aprender, ofertando técnicas que provocam bem-estar à criança.

Conforme o site oficial, o sistema possui algumas etapas, iniciando com a utilização de apenas uma figura para expressar algum objeto ou atividade que deseja

---

<sup>5</sup> Mais informações no Site Oficial:  
<<https://pecs-brazil.com/sistema-de-comunicacao-por-troca-de-figuras-pecs/>>

realizar. Posteriormente, a criança é estimulada a escolher entre possíveis imagens qual que gostaria de utilizar para se comunicar e expressar o que deseja.

Esses últimos métodos aqui apresentados (TEACCH e PECS) foram apenas mencionados pela professora do AEE – em sua entrevista – como possibilidades para trabalhar com estudantes autistas, sempre enfatizando a necessidade de que, para serem implementados e aplicados (assim como a ABA), são necessários profissionais capacitados que possuam um treinamento oficial (que não é gratuito) através de cursos que oferecidos (e certificados) a qualquer pessoa interessada na temática.

#### **4.2 Formação docente: Expectativa X Realidade**

Quando falamos em formação de professores podemos estar nos referindo à formação inicial em um curso de licenciatura, que habilita o profissional a ministrar aulas e busca desenvolver as habilidades e competências pertinentes à esta atividade e/ou à formação complementar e/ou continuada, cujo interesse parte, muitas vezes do profissional motivado pelo contexto em que está inserido.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018), um dos principais documentos normativos para as escolas públicas se estabelece o mínimo necessário para que o estudante aprenda no ensino básico, enfatizando a importância da formação continuada para professores da Educação Básica e sugerindo que competências como didática, empatia e colaboração sejam aprimoradas. (MEC, 2019).

Segundo (Costa, 2012, p.4-5):

[...] os cursos de formação docente sinalizam para a importância do entorno que dá significado à autonomia escolar e determina as responsabilidades dos docentes, sem descuidar do projeto institucional dos estabelecimentos de ensino. Portanto, está posto que o protagonismo na educação esteja dirigido aos educadores e se dará a partir de suas definições sobre como ensinar, como se aprende, qual a melhor forma de avaliar. Assim, podem-se assumir concepções que possibilitem desenvolver uma atividade pedagógica caracterizada por uma perspectiva instrumentalizadora e voltada a tratar o ensino como uma ação educacional que não ultrapasse os limites da sala de aula, cujos métodos e técnicas empregados estejam a serviço de um conhecimento pragmático sem relação com a complexa dinâmica do universo.

Considerando que muitos cursos de licenciatura não abordam educação especial em componentes curriculares obrigatórios, muitos profissionais acabam se formando sem a oportunidade de refletir minimamente sobre quais metodologias



poderiam ser utilizadas para despertar a motivação para o aprendizado em um estudante com necessidades especiais, em particular, por exemplo, em um estudante autista.

A professora de Matemática (ao responder se já teve contato com algum estudante autista) relata que:

["esse é o segundo ano que eu tenho contato com alunos autistas na sala de aula, no início fiquei um pouco preocupada, sem saber se minhas aulas estariam de acordo, adaptadas corretamente, se da maneira que eu estava fazendo minhas aulas os estudantes iriam atingir os objetivos. Mas, aos poucos fui conhecendo as crianças e aprendendo a lidar com a situação."]

Em outro trecho a professora de Matemática associa essa insegurança inicial, dela e de outros professores das classes regulares, justamente às escassas discussões/simulações – durante sua formação básica – de quais metodologias utilizar ou como propor uma atividade para um estudante autista.

Já a professora de Português (quando questionada sobre as dificuldades enfrentadas com relação ao processo de ensino-aprendizagem) relata que:

["os desafios são referentes aos materiais que no começo não sabia se o aluno estava conseguindo aprender e isso me deixava apreensiva. [...]. Alfabetizar alunos adolescentes não é uma tarefa fácil, porque as atividades são totalmente diferentes do que para aqueles que já estão alfabetizados, demandando bastante tempo de planejamento para o professor, que em muitos casos tem várias turmas e um aluno com TEA em cada turma."]

Nesse contexto, a formação continuada pode ser vista como uma grande aliada, instigando os docentes a identificarem quais as principais dificuldades encontradas pelos estudantes autistas e estimulando reflexões e trocas de experiência que possam motivar algumas soluções para os problemas enfrentados.

#### **4.3 Participação da família e avanços no desenvolvimento escolar/pessoal/social do estudante após ter ingressado em uma classe regular**

Com relação ao papel dos pais de pessoas com deficiência, Buscáglio (2006, p.89) afirma que:

O papel da família do deficiente, portanto, pode ser mais bem compreendido em um contexto sociopsicológico, em que, como no caso de uma família comum, há efeitos recíprocos contínuos entre a família e a criança, e a família, a cultura e a criança, uns sobre os outros. Qualquer mudança em um integrante da família afeta todos os outros, dependendo do estado psicológico do grupo. A principal diferença no caso da família com uma criança deficiente é que seus problemas são intensificados pelos muitos pré-requisitos, necessidades e atitudes que lhe são impostos devido à deficiência. Essa família pode atuar de uma forma bastante positiva como

mediadora entre a sociedade em que seu filho terá de viver e o ambiente mais consciente e receptivo que ela pode lhe oferecer. Para isso, porém, cada membro da família deve adaptar seus próprios sentimentos em relação à deficiência e à criança deficiente. Toda a família deve entender que somente dessa forma ela poderá ajudar a criança a ajustar os seus sentimentos em relação à própria deficiência e por fim a si mesma, como uma pessoa completa.

No ambiente escolar, a participação da família é muito importante para o desenvolvimento da criança, o acompanhamento próximo dos pais e/ou responsáveis bem como o suporte em casa com o auxílio nas tarefas e atividades propostas pode trazer segurança e estabilidade para o estudante com TEA.

Nos relatos apresentados temos dois estudantes que são acompanhados pelas auxiliares, um deles alfabetizado (aluno 02) e outro não (aluno 01). A professora da sala do AEE menciona que: “O aluno que não está alfabetizado teve um acompanhamento mais tardio, hoje recém ele tá conseguindo soletrar, ele tem familiares não alfabetizados, então é outro processo”. Em seguida, a professora destaca o desenvolvimento deste aluno e reforça as dificuldades (financeiras) das famílias de modo geral:

O avanço é no sentido do entendimento, porque ele é um aluno maior, ele é uma criança maior, ele melhorou muito na compreensão. Primeiro trabalhamos a aceitação, para um menino entrando na adolescência se firmar com autista, é o reconhecimento da própria identidade e não tem como tu mentir para uma criança, é necessário se entender como autista, tendo seus direitos. A família descobriu tardiamente, pois a família não tinha esse recurso todo. Com a realidade do nosso país, os pais não têm R\$ 500,00 para levar no neuropediatra, e quando eles levam ao neuropediatra, a linguagem é tão inacessível que os pais chegam e dizem: “Professora o médico me disse que meu filho tem ‘isso’, o que é?”. Aí nós sentamos para fazer uma explicação, mas para todos os casos, sejam de autista, DA, DM, para todos. As condições financeiras foram reduzidas para todos, a pandemia aplacou as famílias de uma forma muito triste e isso reflete diretamente no autocuidado e no cuidado das crianças.

Ainda sobre os avanços nos âmbitos pessoal, educacional e social, obtidos pelos estudantes com TEA, podemos destacar as falas das mães entrevistadas que trazem significativos resultados alcançados pelos filhos.

#### Relato da Mãe 01:

Ele realiza todas as atividades na sala de aula e na sala do AEE, o avanço é nítido, a professora vai te confirmar com os trabalhos desenvolvidos por ele na sala do AEE. O contato dele é só com a família, ele é bem quieto, faz todas as atividades de higiene sozinho não precisa de ajuda, escolhe sua roupa, ele já está bem independente. No Social, não tem muitos amigos mais é contato com a família mesmo.

### Relato da Mãe 02:

Hoje ele já sabe escrever o nome e realiza as atividades, tem evoluído bastante. No dia a dia dele o contato é só com a família, ele gosta de olhar tv e ficar no cantinho dele, depois que ele foi para essa escola o comportamento dele melhorou bastante. A escola é acolhedora e bastante dedicada com os alunos, hoje ele consegue tomar banho sozinho, escovar os dentes, se limpar depois das necessidades, pede uma roupa caso esteja com frio ou para ligar o ventilador no verão, antes ele não fazia nada disso. Claro que ainda tem bastante dificuldades no social, mas a passos lentos ele está socializando, mas com a professora do AEE e as professoras da sala ele conversa e comigo também, sai da escola me contando o que fez e fica feliz quando consegue fazer as atividades.

Podemos observar nos relatos acima que, mesmo que pareça muitas vezes um pequeno passo, para os pais – certamente – é motivo de orgulho cada uma dessas atividades que essas crianças/adolescentes passaram a desenvolver depois que começaram a frequentar essa escola em uma classe regular. Em outros trechos as mães destacam também a evolução dos estudantes quanto à fala e a conseguirem expressar o que desejam.

Outro ponto que pode ser abordado é a participação da família na escola e no processo de inclusão desses alunos, visto que para que a inclusão seja realizada com sucesso, é necessário a participação de todos. Quanto à participação, a professora de Matemática destaca que, na maioria das vezes, “os pais participam da vida escolar do aluno” e, a professora de Português concorda, afirmando que “esse acolhimento dos pais e da família na escola, faz muita diferença no desenvolvimento do aluno e no trabalho do professor também”. Quando questionadas sobre como se dá essa participação, responderam que “essa participação se dá através das reuniões, quando são chamados na escola e participação com o filho na sala do AEE.”

Questionada sobre o mesmo ponto, a professora do AEE relata que

O AEE só trabalha se conquistar os pais, e a conquista não é no sentido da simpatia entre professores e família, é no sentido de abrigo, nenhum pai, nem eu, se tivesse hoje o diagnóstico estaria preparado emocionalmente para dizer que teu filho vai precisar disso, o teu filho vai chegar até certo ponto (que vai ser a fronteira dele), nenhuma família está. Então o primeiro passo é dizer: a gente precisa investigar. O primeiro trabalho no sentido de conquista é que criança permaneça na escola. Que ele entenda que aquele CID não é determinante, ele é só é um CID, ele vai poder nos dizer que passos nós vamos seguir, mas ele é o ponto de partida não é de chegada, esse é o primeiro passo, que os pais compreendam que o filho precisa de um olhar mais apurado que com dinheiro ou sem dinheiro, ele vai ser ajudado, e que ele vai continuar sendo filho e vai precisar dessa assistência, então a palavra assistência e o AEE passa em conjunto com a comunidade escolar para não perder essa criança, porque aqui a gente sabe que pela história que a nossa escola tem ele vai estar vai acolhido.

Quando realizamos esse mesmo questionamento às mães, ambas ressaltaram a participação em reuniões, que procuram a professora do AEE sempre que tem dúvidas, levam e buscam o filho na escola sempre que possível e procuram comparecer sempre que chamadas.

Diante do exposto até aqui, entendemos o quanto é importante a preparação da escola para receber estudantes com TEA, dando suporte e informação aos professores que irão receber essas crianças/adolescentes em suas classes e procurando sempre: evitar instruções verbais muito longas, estimular a autonomia, utilizar de recursos visuais, utilizar metodologias adequadas e realizar as adaptações necessárias. Percebemos que essas ações ocorrem na escola alvo do estudo, principalmente no que diz respeito a sala do AEE. Essa dinâmica de preparação é relatada pela diretora da escola:

O procedimento é o seguinte: Logo após encerrar as matrículas, a secretaria da escola me entrega para analisar e contabilizar as matrículas dos estudantes, nessa contagem já é visto os alunos autistas e marcamos as reuniões, primeiro com a professora do AEE para informar ela quantos estudantes novos que chegaram para a sala do AEE, depois reunião com as professoras e auxiliares que serão responsáveis por este aluno e por fim com os funcionários da escola, toda a escola tem que estar ciente para colaborar com a socialização dos estudantes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão do estudante com TEA vai além da matrícula em uma escola regular de ensino (pública ou privada), o que se espera de verdade é ver que a aprendizagem da criança é significativa e que ela consiga desenvolver habilidades e estratégias para superar as dificuldades, sejam elas de comportamento ou de comunicação.

Conforme o referencial teórico do presente trabalho, para promovermos um ambiente inclusivo e facilitarmos o processo de ensino-aprendizagem, além de indispensável, é legalmente obrigatório, promover adaptações. As adequações curriculares e no ambiente precisam ser construídas no coletivo, com o conhecimento de todos e à luz das metodologias e técnicas que vem se mostrando eficazes para o desenvolvimento de crianças/adolescentes com TEA. Justamente por essa razão reforçamos a necessidade da formação continuada para todos os profissionais envolvidos diretamente no processo de ensinar, desde os professores regentes, aos professores do AEE e também monitores que auxiliam o estudante.

A situação dos monitores é, talvez, a mais preocupante pela falta de formação pedagógica, falta de formação básica na área específica e falta de oportunidade para que sejam discutidas metodologias que possam auxiliar o estudante a ser autônomo, resolvendo os próprios problemas. Mesmo assim, apesar das dificuldades, os relatos – de modo geral – mostram que os auxiliares desempenham com muito esforço a função, gerando socialização, buscando não reforçar os comportamentos inadequados e procurando promover a interação do estudante com os demais na classe, sempre que possível.

Na prática, foi possível observar que na escola alvo do estudo, existem estratégias e ações concretas que buscam que a inclusão de estudantes com TEA aconteça em todos os setores. Além disso, vimos que a escola está de acordo, em grande parte, com a legislação vigente, mas que também, algumas questões sempre podem ser melhoradas como, por exemplo, a oferta de formação complementar.

Sabemos que algumas questões como a formação mínima dos auxiliares ou a aquisição de cursos com as metodologias citadas nesse trabalho (ABA, TEACCH e PECS) não dependem apenas da escola ou mesmo da sua gestão, podendo estar relacionadas à administração dos poderes públicos e distribuição dos recursos para

a educação que, diga-se de passagem, vem sofrendo muitos cortes nos últimos anos.

Em relação a este trabalho, por questão de tempo, não foi contemplada uma discussão acerca de todas as perguntas realizadas e todos os dados coletados nas entrevistas. Destaco ainda que tanto as perguntas não utilizadas neste texto quanto os cenários não explorados (outras escolas da rede pública e escolas da rede privada do município) e discussões mais aprofundadas podem embasar trabalhos futuros, em especial no mestrado em educação que tenho pretensões de realizar.

Certamente o estudo realizado foi enriquecedor e de grande contribuição para minha formação acadêmica, pessoal e como pesquisador, visto que foi a primeira grande pesquisa desenvolvida, entendendo o funcionamento de cada uma das etapas e estabelecendo contato pessoal com cada um dos entrevistados, observando suas expressões quando mencionavam suas angústias e dúvidas.

É importante dizer que as leituras realizadas até aqui e os resultados obtidos trouxeram uma nova perspectiva em relação à educação especial e a inclusão de estudantes com deficiência e/ou necessidades especiais. Confesso que quando comecei o projeto, tinha dúvidas se era mesmo este viés que iria seguir (profissionalmente falando) e ao concluindo hoje, ganhei uma motivação a mais e uma certeza ainda maior de que é nesta linha que irei dar seguimento nos meus estudos, pesquisando mais sobre tópicos da educação especial.

Por fim, acredito que apesar das dificuldades que podem ser encontradas no processo de ensino-aprendizagem do estudante com TEA, um trabalho conjunto na escola (desenvolvido pelo professor da classe regular e pelo professor de AEE), contando com o apoio dos auxiliares, da família e de profissionais especializados (quando necessário para tratamento da criança com TEA) é possível que o estudante tenha um bom desempenho escolar e, mais do que isso, que a participação ativa da família na comunidade escolar pode contribuir para uma escola mais inclusiva.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM 5**. Tradução de Maria Inês Correa Nascimento et al; revisão técnica Aristides Volpato Cordiolo. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

AUTISMO E REALIDADE. **O que é o Autismo?** 2022a. Disponível em: <<https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/>>. Acesso em: 27 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. **O que é o Autismo? Marcos históricos**. 2022b. Disponível em: <<https://autismoerealidade.org.br/o-que-e-o-autismo/marcos-historicos/>>. Acesso em: 27 mai. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm)>. Acesso em: 27 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Lei nº 12.764**, de 27 de dezembro de 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12764.htm)>. Acesso em: 27 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. **Documento Orientador do Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais**. 2013. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=11037-doc-orientador-multifuncionais-pdf&category\\_slug=junho-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11037-doc-orientador-multifuncionais-pdf&category_slug=junho-2012-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 17 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. **Lei n.13.861, de 18 de julho de 2019.Os censos demográficos realizados a partir de 2019 incluirão as especificidades inerentes ao transtorno do espectro autista, em consonância com o§ 2º do art. 1º da Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Brasília, DF, 19 jul. 2019.Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/L13861.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13861.htm). Acesso em:27 jul. 2022.

BUSCÁGLIA, L. **Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento**. Editora Record. Rio de Janeiro, 2006.

CANAL AUTISMO. **Dia Mundial de Conscientização do Autismo**. Disponível em: <<https://www.canalautismo.com.br/diamundial/#:~:text=Em%202022%20o%20tema%20%C3%A9,espectro%E2%80%9D%20%E2%80%94%20hashtag%20%23RESP%20ECTRO>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

COSTA, F. F. **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, RS: ANPED, 2012.

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

CHEQUETTO, J. J.; GONÇALVES, A. F. S. **Possibilidades no ensino de Matemática para um aluno com autismo**. Revista Eletrônica Debates em Educação Científica e Tecnológica, v. 5, n. 2, 2015, p.210.

DUTRA, C. P. et al. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

MONTIGNY J. G.; OFNER M., DO, M.T. **Environmental factors associated with autism spectrum disorder: a scoping review for the years 2003–2013**. Ng M. Health Promotion and Chronic Disease Prevention in Canada 37(1): 1–23, 2017.

GRUPO DE PAIS ANJO AZUL. **Conscientização dia do autismo. Itaquí, 09 abril 2022**. Facebook: grupo de pais anjo azul. Disponível em: <<https://www.facebook.com/grupodepaisanjoazul>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HATTGE, M. D.; KLAUS, V. **A Importância da Pedagogia nos Processos Inclusivos**. Revista Educação. Especial | v. 27 | n. 49 | p. 327-340| maio/ago. 2014 Santa Maria. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X7641>>. Acesso em 25 de jul. 2022

KANNER, L. **Autistic Disturbances of Affective Contact**. Nervous Child, 2, p. 217-250, 1943.

KONG, A.; FRIGGE, M. L.; MASSON, G.; et al. **Rate of de novo mutations and the importance of father's age to disease risk**. Nature, v. 488, n. 7412, p. 471–475, 2012. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/nature11396>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

LI, Q.; LI, Y.; LIU, B.; et al. **Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children and Adolescents in the United States from 2019 to 2020**. JAMA Pediatrics, 2022. Disponível em: <[https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/2793939?guestAccessKey=e014e9ee-c3c5-48a1-af1458a30ca676cc&utm\\_source=For\\_The\\_Media&utm\\_medium=referral&utm\\_campaign=ftm\\_links&utm\\_content=tf1&utm\\_term=070522](https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/2793939?guestAccessKey=e014e9ee-c3c5-48a1-af1458a30ca676cc&utm_source=For_The_Media&utm_medium=referral&utm_campaign=ftm_links&utm_content=tf1&utm_term=070522)>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MAENNER, M. J.; SHAW, K. A.; BAKIAN, A. V.; et al. **Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2018**. MMWR. Surveillance Summaries, v. 70, n. 11, p. 1–16, 2021. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/70/ss/ss7011a1.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MACHADO, R. **Educação especial na escola inclusiva: políticas, paradigmas e práticas**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2009. – (Escola inclusiva, o desafio das diferenças).



MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução CNE/CEB nº 4, de 2 de outubro de 2009**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf)>. Acesso em: 26 mai. 2022.

\_\_\_\_\_. **Formação de Professores. 2019**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2019/124721-texto-referencia-formacao-de-professores/file>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

MOREIRA, M. A. **Metodologias de pesquisa em ensino**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011.

NOVA ESCOLA. **Autismo: conheça o TEACCH®, um programa para melhorar a comunicação de crianças com autismo**. 2019a. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17625/autismo-conheca-o-teacch-um-programa-para-melhorar-a-comunicacao-com-criancas-autistas#:~:text=A%20ideia%20do%20trabalho%20com,dia%20a%20dia%2C%20a os%20poucos..> Acesso em: 25 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. **Autismo: conheça a ABA, uma base científica para trabalhar com crianças com autismo**. 2019b. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/17550/autismo-conheca-a-aba-uma-base-cientifica-para-trabalhar-com-autistas>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

SILVA, K. F. W. **Inclusão escolar de alunos com deficiência mental: Possíveis causas do insucesso**. Dissertação de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/17040>>. Acesso em: 27 mai. 2022.

SILVA, A. M. D. **Educação especial e inclusão escolar: história e fundamentos**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2012. p. 1-213.

SILVA, M. C. B. L.; BROTHERHOOD, R. M. **Autismo e inclusão: da teoria à prática**. In: V ECPP, Maringá, out. 2009. Disponível em: <[http://www.unicesumar.edu.br/epcc2009/anais/maria\\_carmo\\_bezerra\\_lima\\_silva.pdf](http://www.unicesumar.edu.br/epcc2009/anais/maria_carmo_bezerra_lima_silva.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2022.

SILVA, A. B. B. **Mundo Singular - Entenda o Autismo**, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012.

## APÊNDICE A: QUESTIONAMENTOS AOS PARTICIPANTES

### Informações para o Trabalho de Conclusão de Curso

Discente: Luis Eduardo Perroni Bairros

Orientadora: Daiane Soares

**Público alvo:** Professor(a) do estudante na classe regular em qualquer disciplina (se possível mais de um), Professora AEE, Gestor da escola, responsáveis pelo aluno, Professor(a) auxiliar (se possível mais de um).

**Objetivo:** Coletar dados para a realização da análise e discussão, sobre a questão de pesquisa, identificando se existe e de que forma se dá a inclusão de alunos com TEA nesta escola em específico.

### Questionário para o Professor (a) da Classe Regular

1. Qual seu ponto de vista acerca da inclusão de crianças autistas em sala de aula regular de ensino básico?
2. Você já teve/tem contato com alunos autistas? Se sim, como foi essa experiência?
3. Quais as dificuldades e desafios encontrados em sala de aula com relação à interação aluno-aluno e aluno-professor? E em relação ao ensino aprendizagem?
4. Quanto ao ensino aprendizagem da disciplina, quais são as metodologias/atividades que você utiliza a fim de incluir o(s) estudante(s)?
5. Você acredita que a inclusão aconteça na sua sala de aula? O que te faz pensar dessa forma? Exemplifique situações.
6. Como se dá a avaliação dos alunos autistas? Há alguma adaptação?
7. Você acredita que sua escola (de modo geral) seja inclusiva? O que te faz pensar dessa forma? Exemplifique situações.
8. Em relação aos pais ou responsáveis, esses, participam da vida escolar do aluno? São presentes na escola?

### **Questionário para o Professor (a) do AEE**

1. Qual o quantitativo de alunos autistas na escola?
2. Como é o acompanhamento dos alunos autistas? Diariamente, semanalmente ou mensalmente?
3. Quais as metodologias e/ou estratégias adotadas para o processo de ensino aprendizagem desse aluno?
4. A sala disponibiliza materiais didáticos para o desenvolvimento do aluno? Se sim, quais?
5. Quais os avanços percebidos no desenvolvimento do aluno com TEA?
6. Em relação aos pais ou responsáveis, esses participam da vida escolar do aluno? Em caso afirmativo, como se dá a participação?

### **Questionário para os responsáveis pelo aluno**

1. Quando percebeu as evidências que seu filho poderia ser autista?
2. Tinha conhecimento sobre o que era o autismo? Se sim, como teve acesso a essa informação?
3. O aluno já realizou algum tratamento? Em caso afirmativo, qual? Caso contrário, por qual motivo?
9. A escola em questão promove a inclusão? O que te faz pensar dessa forma? Exemplifique situações.
4. Quais ações inclusivas que acontecem na escola? Você percebe a evolução do seu filho em quais aspectos?
5. Você acompanha a vida escolar do seu filho? De que forma?
6. Com relação ao desenvolvimento escolar/pessoal/social do seu filho, o que você percebe?

### **Questionário para o(a) professor(a) auxiliar (monitor) que acompanha o aluno nas atividades de sala de aula**

1. Quais estratégias você utiliza para auxiliar estudantes com autismo em desenvolvimento no âmbito social e também cognitivo?

2. Quais as dificuldades e desafios encontrados em sala de aula com relação à convivência e ensino/aprendizagem de alunos Autistas?
3. Você recebeu alguma formação pedagógica para atuar como monitor de estudantes com TEA? Se não, você sentiu falta? Exemplifique com situações.
4. E posterior, uma vez atuando como monitor, recebeu alguma formação? Em caso afirmativo, considerou suficiente? Relate sua experiência.
5. Por fim, ainda quanto à formação pedagógica, buscou ou sente falta de buscar conhecimento e mais formação para exercer essa atividade?
6. Quais estratégias você utiliza a fim de incluir o aluno no âmbito escolar?
7. Você poderia descrever a rotina do aluno (bem como seu comportamento) ao longo de um dia (típico)?

### **Questionário para o gestor da escola**

1. Como os alunos autistas são recebidos pela escola? A escola está preparada para promover a inclusão? Se não, o que ainda você considera que falta?
2. Como é o procedimento da instituição ao saber que vai receber alunos autistas? E qual a preparação para o recebimento dos alunos?
3. Como gestor, acredita que a professora auxiliar (monitora) contribui de forma significativa para inclusão?
4. O plano de desenvolvimento individual (PDI) do aluno é elaborado com a participação dos professores, dos pais e da equipe responsável pela gestão escolar? De que forma é elaborado? Onde fica esse plano e quem tem acesso a ele (documento pronto)?
5. Depois de pronto e aplicado o PDI, o plano é constantemente reavaliado de acordo com as necessidades do aluno? De quanto em quanto tempo? Quem avalia?

## **APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “A inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista em classes regulares de uma escola da rede pública: um estudo de caso”, cujos dados coletados serão analisados, discutidos e apresentados no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do discente Luis Eduardo Perroni Bairros, matriculado no curso Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Pampa – Campus Itaqui, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Campara Soares. Sua participação é voluntária (não obrigatória) e você tem autonomia para decidir se deseja ou não participar desta pesquisa. A sua contribuição nesta pesquisa consistirá em responder à um questionário que tem por objetivos gerais: compreender o processo de inclusão de alunos autistas nesta escola em específico e investigar como o ambiente escolar pode contribuir para o desenvolvimento dos estudantes com TEA tanto cognitiva quanto socialmente. O tempo médio de resposta do questionário é de 25 a 30 minutos. Para garantir a sua confidencialidade e privacidade, os dados coletados serão acessados apenas pelo pesquisador e professora orientadora, sendo omitido quaisquer dados que revelem sua identidade. A qualquer momento você poderá solicitar ao pesquisador e sua orientadora informações sobre sua participação na pesquisa, através dos contatos disponibilizados neste termo. Os benefícios a serem gerados com esta pesquisa são, de modo indireto, uma maior visibilidade sobre a temática (inclusão de alunos com TEA em salas de aulas regular do ensino público) no ambiente acadêmico e também promover acesso às informações sobre o autismo para a comunidade em geral. Cabe destacar que você não terá custos ao participar desta pesquisa. Caso você sinta algum desconforto ou constrangimento ao longo da sua participação em qualquer uma das etapas, será possível desistir da participação a qualquer momento. Ao término da pesquisa, todo material será mantido em arquivo pelo prazo de 12 meses e, findado este prazo, será descartado/deletado. Os resultados desta pesquisa serão apresentados como trabalho de conclusão de curso e publicações científicas. Ao decidir participar da pesquisa, você estará confirmando sua participação nos termos deste TCLE (está sendo garantida a confidencialidade e privacidade das informações que poderão ser utilizadas, mas não será em nenhum momento citado nomes). Caso não concorde em participar, basta marcar a opção e avisar a qualquer momento.

Para qualquer informação adicional, segue os contatos:

Pesquisador: luisbairros.aluno@unipampa.edu.br      Telefone: (55) 99703-3662.

Orientadora: daianesoares@unipampa.edu.br      Telefone: (55) 99931-4646.

(  ) Concordo em participar da pesquisa

(  ) Não concordo em participar da pesquisa

NOME:

Assinatura:

## APÊNDICE C: FOLDER INFORMATIVO ELABORADO PELO AUTOR

### AUTISMO

#### O que é?

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, o Autismo é um Transtorno Global de Desenvolvimento, também conhecido como Transtorno do Espectro Autista, que se caracteriza por alterações no desenvolvimento da criança ou adolescente nas áreas de interação social, comportamento e comunicação.

#### Porque o diagnóstico precoce é tão importante?

Quanto mais cedo for identificado que uma criança possui o transtorno do espectro autista, mais eficientes serão as intervenções e mais saudável será o seu desenvolvimento e qualidade de vida.



#### A quem procurar em caso de suspeita de Autismo?

Se você perceber alguns dos sinais que podem indicar a presença do Transtorno do Espectro Autista em seu filho ou filha, procure o pediatra que acompanha a criança e relate suas percepções. O diagnóstico envolve uma avaliação completa da criança, feita por vários profissionais especializados os quais acompanharão a criança por algum tempo para ter condições de observar seu desenvolvimento, seu histórico, seu temperamento, suas relações familiares e sociais.

Cada criança Autista é única, ou seja: tem características específicas, mais dificuldades em alguns aspectos, mais facilidades e maior desenvolvimento em outros. Por isso, o tratamento é também único e direcionado para cada criança em particular.



Realizado por:  
Luís Eduardo Perroni Bairos  
Trabalho de Conclusão do Curso  
Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia



O Autismo não tem cura, mas quando bem acompanhada e assistida pela família e pelos profissionais especializados, a criança pode melhorar seu desenvolvimento e ter uma melhor qualidade de vida.

#### Os principais direitos da pessoa Autista são:

- 1 - Direitos na área da Assistência Social;
- 2 - Direito à educação, com atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino;
- 3 - Direito ao esporte, à cultura e ao lazer;
- 4- Direito à saúde, com tratamento especializado e adequado à patologia que possuem, assim como tratamento dentário especializado;

#### Quais os principais SINAIS de AUTISMO?

Algumas características podem ser SINAIS indicativos de que uma criança ou adolescente seja AUTISTA. Porém, apenas o diagnóstico realizado por profissionais especializados é que pode comprovar se de fato a pessoa possui o Transtorno. É importante perceber esses sinais porque eles poderão servir de alerta para que a família da criança ou adolescente tome providências e procure ajuda de profissionais capacitados. O site Autismo e Realidade, elaborado por o site Autismo e Realidade, elaborado por pais de autistas e profissionais que atuam com este público, indica alguns sinais que podem servir de alerta para que você leve seu filho para a avaliação de um profissional capacitado.



#### Local de emissão da carteira de identidade do autista (CIA)

É emitida por intermédio do Centro de Referência e Assistencial Social (CRAS), localizado na Rua Bento Gonçalves, 1079. Centro Itaqui-RS 97650-000 Brasil.

e-mail: [cras@itaqui.rs.gov.br](mailto:cras@itaqui.rs.gov.br)

Telefone: (55) 3433 5052



<https://m.facebook.com/grupo depaisanjoazul/>

Telefone: (55) 98465-2859

Fontes consultadas: Autismo e Realidade. Sinais de Alerta. Disponível em: <http://autismoerealidade.org/ferramentas-de-apoio/instrumentos-diagnosticos/sinais-de-alerta/> Acesso em 26/07/2022.